

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

ENTREVISTA COM MILTON POMPEU DA COSTA RIBEIRO

Entrevista concedida ao Projeto
"Universidade Regional de Blumenau e sua História",
em 18/02/98.

Entrevistador: Balbino Simor Rocha
Clarice Ehmke
Richard Huewes
Viegas Fernandes da Costa

BLUMENAU

1998

M.P.C.R.: Milton Pompeu da Costa Ribeiro

B.S.R.: Balbino Simor Rocha

C.E.: Clarice Ehmke

V.F.C.: Viegas Fernandes da Costa

R.H.: Richard Huewes

B.S.R.: Professor, o senhor nasceu em Blumenau?

M.P.C.R.: Não, eu nasci em Bom Retiro, perto de Lages. Na verdade me considero lageano, meus pais já moravam em Lages.

B.S.R.: E veio para Blumenau quando?

M.P.C.R.: Eu vim para Blumenau fazer um serviço profissional em 1960 por três meses.

B.S.R.: Professor, como é que foi a sua construção como profissional/ intelectual?

M.P.C.R.: Eu estudei toda a parte de ensino, como se diz hoje, ensino fundamental e 2º grau em Lages, no Colégio Franciscano Diocesano. Lá eu fiz o científico e o Técnico em Contabilidade simultaneamente, posteriormente me transferi para Curitiba, para fazer a Universidade.

B.S.R.: E isso em que ano?

M.P.C.R.: ... 1954; no fim de 54. Eu entrei na Universidade, em 1955. Fiz dois cursos simultaneamente, e um terceiro posteriormente, o curso de Ciências Contábeis e Atuariais, na Faculdade de Ciências Econômicas do Paraná, e o curso de Economia na Universidade Federal. Iniciei o curso de Direito, e não conclui, depois vim para cá fazer esse serviço. Nós trabalhávamos numa empresa em Curitiba, de consultoria empresarial, numa, e a empresa apanhou dois outros contratos: um em Blumenau e outro em Joinville, e eu vim para Blumenau, e outro colega para Joinville.

B.S.R.: E aí o senhor já ficou em Blumenau?

M.P.C.R.: E aí eu fiquei uns três meses; e vi que a água do rio era boa.

B.S.R.: Gostou da água do rio? Quem bebe não sai mais. Tá certo! E aí como é que foi o seu envolvimento com a cidade?

M.P.C.R.: De cara, o envolvimento foi muito na área econômica. Mas como o Frei Odorico Durieux foi meu diretor em Lages, durante todo o período que eu estava no Colégio Diocesano, quando eu saí de lá, ele também saiu e veio para Blumenau. O Frei Odorico descobriu que eu estava aqui, e me convidou para lecionar. Então eu comecei a lecionar no Colégio Santo Antônio, em 1961. Então aí houve esse envolvimento com a comunidade por causa do magistério, mas fundamentalmente era consultoria empresarial.

B.S.R.: Já era costume naquela época, na década de 60, na economia da cidade, porque a cidade não tinha profissionais também?

M.P.C.R.: Tinha menos profissionais. Tradicionalmente o que o profissional fazia? Eles vinculavam-se a uma das grandes empresas locais. Eu próprio tive várias propostas para trabalhar nas empresas, mas sempre recusei esse tipo de proposta. Acho que aquilo feria a minha independência. Eu nunca quis ter uma relação de trabalho, de caráter empregatício, minha relação de trabalho era sempre de caráter construtivo. Trabalhei para a Artex, para a Garcia, para Teka, enfim, para as grandes. Mas enfim, essa foi a atividade inicial que perdura até hoje.

B.S.R.: E aí como é que foi (voltando aquela conversa anterior), como é que foi esse contato com o professor Martinho?

M.P.C.R.: Pois é, o professor Martinho era um homem extremamente ligado ao Colégio Santo Antônio, porque ele tinha sido professor ali, uma Escola Técnica. E ele era muito ligado ao Frei Odorico, aos padres etc, de uma forma geral, e eu também. Mas antes de termos uma relação assim mais próxima, por força do Colégio Santo Antônio, eu debati com ele num processo lá na cidade de Joinville, em que ele representava uma parte e eu outra. E dessa relação profissional antagônica, acabou surgindo uma amizade pessoal e de respeito profissional etc. Eu muito inexperiente recém egresso da universidade, e esse homem com uma larga experiência nessa área empresarial e comercial. Então eu aprendi muito com ele mas, apesar da minha inexperiência, não me entreguei para ele lá no processo. Como não me entreguei, ele ficou gostando, achando que eu podia ter algum futuro profissional.

B.S.R.: Deixou impressões para ele.

M.P.C.R.: Deixei.

B.S.R.: Aí como é que foi essa aproximação, porque a partir disso houve uma aproximação cada vez maior?

M.P.C.R.: O Colégio, as oportunidades do Colégio, as festividades do Colégio, a gente estava sempre se encontrando, se embarcando. O Frei Odorico era muito amigo dele, o diretor do Colégio, meu diretor, meu professor a vida toda. Então, o Frei Odorico, tenho a sensação de que gostava muito de mim. Naturalmente ele fez referências boas ao professor Martinho. Eu acho que isso também contribuiu bastante para em 1963 por volta assim do 1º semestre de 63, não saberia precisar a data, mas ele procurou-me no meu escritório, mencionou uma proposta profissional para que eu fosse trabalhar com ele na consultoria dele. Coisa que eu não aceitei, mas aceitei parte dos

clientes dele, com isso estreitando cada vez mais o relacionamento, e em 63 ele me propôs que nós fizéssemos uma faculdade. E discutimos com a ordem Franciscana, tentando interessá-los a ingressar no movimento, mas a ordem não tinha intenção de ingressar no ensino Superior, não seria oportuno. E aí nós pensamos em visitar, estudar, escolher, efetivamente um curso, na nossa cabeça tanto um quanto outro na área da Economia, ou na área econômica. Nós já pensamos nesta Faculdade, provavelmente um viés original, até pelo fato, mas que se justificava porque indiscutivelmente a vocação geo-educacional dessa área é econômica, tecnológica e econômica. Muito mais que em outras áreas do conhecimento.

B.S.R.: No sentido de indústria...

M.P.C.R.: No sentido de indústria. Uma cidade tipicamente industrial, as cidades em volta também. E aí, como operacionalizar isso? Fomos para São Paulo fizemos umas viagens, fomos em cidades do porte de Blumenau, até que esbarramos em Santo André, numa cidade, um curso que poderia, efetivamente, ser um modelo para nós.

B.S.R.: Santo André no ABC Paulista?

M.P.C.R.: No ABC Paulista! E conversamos com os dirigentes, estivemos em Campinas a UNICAMP estava iniciando neste período, quer dizer, já tinha algumas unidades, mas estava iniciando. Estava com o diretor na época, o Professor Zeferino Vaz, era um médico, que foi um grande reitor, um grande impulsionador da UNICAMP, que fez o que a UNICAMP é hoje, deve-se fundamentalmente ao Professor Zeferino. Tivemos com ele, conversamos e cada vez se consolidava mais a idéia que o curso tinha que ser Economia mesmo. Como fazer? O Professor Martinho tinha uma ligação muito intensa com o meio político, ele tinha sido vereador, já tinha na década de 50, já tinha se envolvido em trabalhos na Câmara Municipal. Outros vereadores; Bernardo Wolfgang Werner, Ingo Hering, todos esses de alguma maneira tinha um envolvimento, Afonso Balsini, entre outros que me lembro, com esse movimento, mas que infelizmente não tinham justificado até então. Discutia-se, mas não saía do terreno das idéias, aí nós procuramos o prefeito Hercílio Deeke, porque o Professor Martinho estava convencido de que tinha que ser uma iniciativa pública, até porque nós ficaríamos sujeitos ao Conselho Estadual de Educação ao invés do, na época, Conselho Federal de Educação, depois foi extinto. E era muito mais fácil você conseguir, já que não havia nenhuma experiência em Ensino Superior no interior de Santa Catarina, era muito mais fácil você tratar com a tua gente, do que tratar em nível nacional, a essa altura já Brasília, para convencê-los a autorizar esse funcionamento. Então

optamos por ser de iniciativa pública, porque se não fosse de iniciativa pública sujeitava-se ao Conselho Estadual de Educação. E aí começamos a trabalhar nisso. O Professor Martinho também, com envolvimento político, conhecia o Padre Odílio, então secretário da Educação do Estado de São Paulo, que nos mandou duas técnicas do estado de São Paulo, final do ano de 63, veja que já tinha decorrido aí uns seis, sete meses, para que elas nos auxiliassem na formulação regimental. Se bem que nós já tínhamos modelos, tínhamos regimentos, já tínhamos estudado isso tudo, já tínhamos visto isso tudo, já tínhamos elaborado uma peça curricular. Então, elas vieram, eram técnicas, recursos de Ensino Superior. Vieram aqui, ficaram conosco uns quinze ou vinte dias, analisaram o nosso projeto todo. Nessa altura, nós já procuramos pessoas que pudessem se interessar pelas disciplinas que seriam oferecidas no 1º ano. Tinha a matemática, procuramos o professor Rivadávia Wollstein, então professor do Santo Antônio, novamente o Santo Antônio emergindo, porque o Santo Antônio era a “meca” do conhecimento e do ensino em Blumenau. Então tinha o professor Martinho do Santo Antônio, tinha o Professor Milton do Santo Antônio, tinha o Rivadávia Wollstein do Santo Antônio. E aí tinha uma disciplina, mas o Prof. Rivadávia foi o terceiro colocado, aí tinha uma disciplina de sociologia. E essa sociologia, vai daqui, vai daqui, procura ali, acolá, encontramos um doutor em sociologia que era o Padre Orlando Maria Murphy. Foi inclusive reitor. Estava em Brusque dirigindo um colégio lá, o São Luís. Nós fomos a Brusque, conversamos com ele, que topou imediatamente. Ele foi portanto o quarto. Tinha uma, disciplina, Instituições do Direito, e tinha outra disciplina, de Contabilidade Geral, e uma disciplina de História Econômica, que era ligada à formação econômica do Brasil. Bom, então esses quatro, formamos aquele núcleo inicial. E, por iniciativa nossa, solicitamos que dentre as decisões do Conselho Estadual de Educação exigissem um concurso público para aproveitamento dessas disciplinas iniciais. O Conselho entendeu, e aí houve um concurso. Nessa época houve a revolução, a Intentona de 31 de março de 1964, e o Prof. Gentil Telles, que veio a ser o professor de Instituições do Direito, havia ganho o concurso da disciplina, e eu na Economia, e o Profº Rivadávia na Matemática, também ganhou. Nós trazíamos aquela titulação básica porque já éramos professores nessas áreas. Eu já lecionava economia, o Rivadávia já lecionava matemática. E aí veio um velho professor do Santo Antônio chamado Rômulo Silva, que foi a pessoa que presidiu inicialmente a banca. Ele tinha sido um grande professor no ensino de contabilidade, ele ia presidir a banca do concurso. Quando ele viu aquela movimentação toda, ele se entusiasmou de tal sorte que perdemos o presidente da banca, porque ele resolveu fazer

concurso para contabilidade. Ele era compadre do Prof° Martinho. Eles tinham mais ou menos a mesma idade, ambos já são falecidos. E ficou, por curiosidade, e ficou com o nome de Compadre Rômulo: Eles eram compadres e então todo mundo tratava ele como Compadre Rômulo e não como Prof. Rômulo. E o Compadre Rômulo também merecia sua titulação etc, teve pontos mais que suficientes e ganhou a cadeira de contabilidade. Então Gentil foi o quinto, o Prof. Rômulo foi o sexto, e o Martinho, que não tinha disciplina para fazer, ficou com História Econômica e Formação do Brasil. Ele ficou com essa disciplina, fez concurso para ela etc. Bom, estávamos em seis: primeiro o Martinho, segundo M.P.C.R., terceiro o Rivadávia, quarto Padre Orlando, quinto Gentil, sexto Compadre Rômulo. E estava constituída a 1ª Congregação da Faculdade. O Prof. Diderot Carli, que está aqui e que nós consideramos como fundador, trabalhava então com o Prof. Martinho, naquele lugar que eu não havia aceitado. O Prof. Diderot aceitou e era, digamos assim, um braço direito do Prof. Martinho no escritório profissional dele. O Prof. Diderot desde o início colaborava, assim informalmente, conosco. Ninguém ganhava nada, quer dizer, você tinha que estar pedindo colaboração das pessoas. Ele colaborava com a secretaria, digamos assim, da Faculdade, com envolvimento, ele sempre teve a nossa consideração, apesar dele não ter sido um dos professores daqueles seis iniciais. Mas nós todos o consideramos como fundador também exatamente por esse processo. E acabou sendo professor no início, porque o Martinho corre daqui, viaja para lá, libera daqui. Depois levamos ao Prefeito Hercílio Deeke, propôs a lei, a Câmara aprovou a lei de criação, etc. “Mas ó, dinheiro não tem!” Aí tinha uma contribuição lá na lei que tinha passado para FURB, então o Prefeito Hercílio Deeke deu, ao invés do dinheiro para nós, deu uma “cerceta”. Cerceta era um título da dívida pública do Estado e foi emitido pelo Celso Ramos, daí o nome “cerceta” . E essas cercetas foi o primeiro dinheirinho assim que nós conseguimos. E o Martinho, mercê a sua relação com o meio empresarial, ele conseguia descontar. Ele ia nas empresas, elas pagavam as cercetas, pagavam na época o “TVC” , **imposto sobre grandes valores comerciais**, pagavam os “IVC” com “cercetas” e davam o dinheiro para nós. Fazia esses triângulos todos. Começamos funcionando com a 1ª turma. Fizemos o 1º vestibular, houve uma bela inscrição. As provas foram feitas novamente no Santo Antônio, o Santo Antônio era parte integrante desse movimento todo.

B.S.R.: E o senhor lembra o número de inscrições, o número de vagas?

M.P.C.R.: Eu não consigo me lembrar, mas nós tínhamos 50 vagas, passaram 35, se formaram 17.

B.S.R.: Quer dizer, não se cumpria todas as vagas, não se cobria tudo. Tinha uma pontuação mínima?

M.P.C.R.: Não, na época não era classificatória, era seletivo, quer dizer, você tinha uma nota mínima, não tirou reprovou. O vestibular era escrito e oral.

B.S.R.: Não tinha nada de marcar...

M.P.C.R.: Nada de marcar! Tinha que conhecer a encrenca toda. Bom, nesse primeiro vestibular passaram 35 alunos; concluíram o curso 17. O resto ficou na estrada. O volume de inscrição era muito grande, estava represada, mas também estavam despreparados para fazer o vestibular. Daí um número pequeno, mas só para você ter idéia, mais da metade da turma inicial era muito mais velha do que eu. Iniciando as aulas, o primeiro ano funcionou no colégio Barão do Rio Branco, na Comunidade Evangélica, depois nós conseguimos, o Martinho novamente exerceu suas ligações políticas em convênio com o governo do estado, ocupamos o grupo "Júlia Lopes de Almeida". De lá viemos para cá.

B.S.R.: Aquele atrás do SENAC?

M.P.C.R.: É. Aquela escola cresceu graças ao fato da Faculdade estar ali. Aliás, aí o movimento continuou em 64 quando foi criada a Faculdade de Ciências Econômicas e em 1967 foi criada a FUB, era a Fundação Universitária de Blumenau. E já com a inclusão dos movimentos dos cursos de Filosofia e da Faculdade de Direito. Então a coisa ampliou. O projeto daqui, que este projeto inicial aqui era para abrir uma Faculdade.

B.S.R.: Não se pensava em uma universidade...

M.P.C.R.: Não! Eu pensava! Eu era o briguento! (RISOS) Era o mais novo e tal.

B.S.R.: Sonha mais...

M.P.C.R.: Sonhava mais. E eu entendia, por exemplo, que o movimento universitário não se consolidaria se ele não tivesse uma sede própria, se não tivesse onde fincar suas raízes! Essa coisa de ficar em escolinha emprestada, é assim uma coisa muito fluida. Parecia que você ia desaparecer no dia seguinte. E naquele período, nem tudo, já havia os movimentos de Filosofia etc... Não pode nem entrar no "Júlia Lopes de Almeida" porque não tinha lugar. Já teve cursos no Colégio Dr. Blumenau para colocar lá um primeiro ano... Tudo isso foi criando em mim a convicção de que nós tínhamos que fazer alguma coisa para criar a nossa sede. Mas dinheiro, nem falar. Você ia para o Ministério da Educação (ainda era no Rio de Janeiro) e não tinha. Uma vez eu consegui, nem me lembro mais a cifra, mas era uns cem mil reais, sabe-se lá o que

representava no dinheiro de hoje. Bom, então eu propus uma coisa assim: Houveram muitas restrições e nessa altura já tínhamos uma alteração completa. Nós já estávamos no 4º ano de Ciências da Economia e nós já tínhamos a congregação pronta. Aí o professor Orlando Gomes que já está aposentado aqui e tal, um pouco mais moço que eu, mas ele me apoiou. O professor Martinho tinha um vício, tudo que eu propunha ele topava, acabou topando e nós fizemos o movimento pró sede própria, que foi um movimento de galvanização do Vale do Itajaí. Estavam todos os municípios, plantamos aquele marco lá embaixo, o Prefeito era o Carlos Curt Zadrozny, já tinha saído o Hercílio Deeke, e o Zadrozny também era um entusiasta, ele trabalhava na Artex, era o Presidente da Artex e Prefeito da cidade, então a coisa ficou muito mais fácil, de contato. Aí nós lançamos aquela famosa “Carta de Ibirama”, que vocês tem registro. Porque Ibirama? Porque o Vale tinha uma certa aversão pela polarização que Blumenau exercia. Quer dizer, um grande encima dos pequenos. Mais ou menos a iniciativa que vinha lá de Timbó, quem presidiu esse conclave que resultou na “Carta de Ibirama”, que foi uma grande assembléia dos municípios do Vale, foi o Prefeito de Timbó. Então foi ele que presidiu a assembléia e nós realizamos a assembléia em Ibirama. De lá saiu a “Carta de Ibirama” que é uma profissão de fé em torno da Universidade. E simultaneamente, ou posteriormente, um pouco depois nós criamos a FURB. A FURB foi um presente dado pelo Carlos Curt Zadrozny na véspera de natal, quando foi sancionada a lei que criou a FURB, Fundação Universidade Regional de Blumenau.

B.S.R.: Isso natal de 68?

M.P.C.R.: Em 68! E aí o grande pepino, grande pepino! Fazer a sede! A Antônio da Veiga era um barranco, a rua era um caminho de vacas assim, com aquelas curvinhas e tudo e ia sair lá embaixo no corpo de Bombeiros. E nós, como tínhamos o Curt Zadrozny, que era um prefeito excepcional, abriu a cidade, a Rua Sete e a “Antônio da Veiga”, nós fomos aproveitando. E aí entramos com uma emissão de posse. A viúva Koch, que era proprietária da casinha aqui de cima do morro, ela morava lá.

B.S.R.: Ela continua morando ali?

M.P.C.R.: Continuou! Passava toda a rua São Paulo, passava por trás na Almirante Tamandaré. Ela era já viúva, a viúva Koch, os filhos espalhados por este país. Pouco interessados no barranco que ela tinha, era um mato. Nós desapropriamos e entramos com emissão de posse, não precisávamos pagar, não precisávamos depositar na época, não havia legislação para isso. Mas os interesses se justificavam. Levou anos, anos para ela receber o dinheiro.

Foi feita a terraplanagem. Mas cadê o dinheiro para fazer isso? Aí eu inventei a tal rifa. Eram cinco carros, a rifa milionária, conseguimos galvanizar a cidade toda com essa rifa, a idéia era : “deixe de tomar uma cerveja e compre um bilhete”, para os operários. As indústrias todas cooperaram, descontavam na folha de pagamento. No fim, esses bilhetes foram vendidos com ágio. Porque a procura era uma coisa fantástica, mas enfim, vendemos bilhetes pelo Estado todo. Era uma rifa de quinhentos milhões e o quê eu não sei mais. E essa rifa gastávamos mais ou menos cem milhões nos prêmios e os quatrocentos foi o que fez o bloco A, B e C. Começamos a construção em julho, agosto de 68, e em 69 nós já estávamos. É coisa de maluco! Esse movimento teve um grande “contão” de ser, base física, as raízes de universidade. A mim resta a convicção de que se não tivesse sido feita, nós não teríamos a Universidade. Vejam, a FURB, a Faculdade de Ciências Econômicas, foi o primeiro instituto de Ensino Superior no interior do Estado. Mas quando todo mundo viu... e isto aconteceu do seguinte modo, que nós fizemos, todo mundo fez! Este movimento de interiorização abriu as portas para que outras regiões do Estado fizessem o mesmo, e o processo inteiro acabe se inspirando em nós. Isto aconteceu. O Sistema Fundacional de Santa Catarina é o primeiro do país. O primeiro a ser implantado! E hoje prolifera no país inteiro. Em Santa Catarina nós temos 19 instituições. Éramos uma, então esse pragmatismo seguramente também possibilitou a existência do movimento e a necessidade de fazer esse movimento rápido, sob pena de perdermos o que tínhamos. É isso, viemos para cá, e aqui cada vez mais desenvolvendo...

B.S.R.: Professor, e o que foi rifado?

M.P.C.R.: Foi um Galaxi no primeiro prêmio, um Itamarati era o segundo prêmio, porque era uma questão dos preços. Depois era um Simca esplanado, o terceiro prêmio, tudo top de linha, e um Karman Gia, quarto prêmio que era top da Volkswagen, e finalmente o quinto prêmio era um Fusca.

B.S.R.: Que era o carro mais simples.

M.P.C.R.: Que era o carro mais simples. Eu ganhei o Fusca!! (RISOS).

B.S.R.: Mas está bom, porque já que a procura era tanta ...

M.P.C.R.: Eu tinha um automóvel que era um carro americano, da linha Ford é um carro excepcional, tinha dois em Blumenau. Um com o dono da Souza Cruz e outro com o Ivo Hering, dono da Hering. Esse carro era ano 66, e em 67 saía o primeiro Galaxi, março de 67. Milton comprou um Galaxi , entregou na Casa do Americano, era muito amigo do John Freshel, dono da

Casa do Americano, entregou o carro e passei a mão (comprei o carro). Esse carro eu destruí nessa venda de rifas. Então todo mundo achava que eu merecia o prêmio.

B.S.R.: (RISOS)

M.P.C.R.: É fechei o escritório que eu tinha na época eu não tinha filhos, nada e tal, era casado, mas a mulher ganhava, e eu fechei o escritório, simplesmente fechei.

B.S.R.: Esse tipo de suporte exigia dedicação...

M.P.C.R.: Aí mobilizamos os estudantes secundaristas, movimento lindo por causa disso, porque durante toda vigência da venda da rifa, na verdade eram os estudantes da cidade, eram as pessoas oferecendo, pedindo “Bota um posto de venda aqui” e tal. A cidade toda se moveu. Negócio sensacional dos operários, ninguém rejeitava comprar. Naquele tempo a rifa era interessante. É o farmacêutico aqui da Itoupava Norte levou o primeiro prêmio, os outros eu nem me lembro, e eu ganhei o último. O Galaxi eu me lembro que era o Thomsen da Farmácia Thomsen que ganhou.

V.F.C.: Professor, como é que os empresários reagiram a idéia da Universidade?

M.P.C.R.: Essa é uma pergunta que... (RISOS)

B.S.R.: Deixa eu aproveitar porque essa era a mesma, eu ia fazer a pergunta, não a pergunta sobre os empresários, mas ia tocar na questão..., que sempre tem a turma do contra.

M.P.C.R.: Tinha, mas... folcloricamente tinha alguns apologistas do caos, aqueles jornalistas que não quero citar nomes. O que dizem: se não houve um movimento de aceitação integral de engajamento, entende? Mas também não houve o de repúdio. Não é verdade que havia movimento de empresários contra a implementação do ensino superior!

B.S.R.: Muitas pessoas dizem isso.

M.P.C.R.: Não é verdade! Eu vivi cada segundo, cada minuto, ninguém viveu mais intensamente esses movimentos iniciais do que eu. Eu era jovem, era rapaz, um entusiasta, eu era aquele que corria de um lado para outro, que carregava o velho Martinho, o velho Martinho chegou numa idade avançada, foi um grande mentor mas carecia um pouco, ele tinha muito entusiasmo também, mas ele já não tinha pique de um guri de 20 e poucos anos.

B.S.R.: Início de carreira e tal.

M.P.C.R.: Então eu realmente diferenciei isso tudo, digamos que havia reservas, e os empresários maiores, comentários do tipo “Pô, essa aqui é uma cidade calma, tranqüila, daqui a pouco vem a Universidade, esse elitismo, vem essas coisas todas” e esses comentários existiam.

Mas, que houvesse uma reação contrária a implementação do ensino Superior, não é verdade! Até porque esses grandes empresários eram os vereadores da época. Ninguém ganhava nada, então era os patrões que eram os vereadores. Era Ingo Hering, Bernardo Wolfgang Werner, Afonso Balsini, tudo gente da camada de elite.

B.S.R.: Aquela Sociedade dos Amigos da FURB, que até ajudava os professores ...

M.P.C.R.: Isso foi depois! Mas, por exemplo, o movimento de imprensa do ex-senador Evilásio Vieira, então presidente da AMVI, teve o papel preponderante na preparação da cidade para Universidade. Ele era uma entusiasta. Então isso foi preparado assim, entendeu? O prefeito era um empresário, o Hercílio Deeke era um banqueiro, era vice-presidente do Banco Inco. Ex Secretário da Fazenda do Estado, representante holístico do conservadorismo, se você quer falar de ordem política, o representante da direita. O Hercílio Deeke foi quem promulgou a lei. Os grandes empresários estavam representados na Câmara, e eram eles os vereadores da época! Eles que votaram!

B.S.R.: Foram eles que votaram ...

M.P.C.R.: Estavam trabalhando num país que tinha 100 mil estudantes na Universidade na época.

B.S.R.: O movimento dos estudantes das Universidades federais era todo um...

M.P.C.R.: Eles tinham condição de mandar os filhos deles estudar fora. E a grande tese sempre foi essa. Sempre foi essa. Nós temos que fazer uma Universidade para os nossos filhos. E o conhecimento, se ele hoje é importante, imagine então com o desenvolvimento intelectual e profissional. Imagine então! Eu sinceramente, a bem da verdade, eu não posso dizer que houvesse um movimento contra a educação superior. Isso nunca! Houve uma grande preparação da sociedade como um todo através lá das rádios, dos jornais, de tudo.

B.S.R.: E a AMVI o que é?

M.P.C.R.: Associação de Imprensa e Rádio do Vale do Itajaí. Então presidia pelo titular da Rádio Nereu Ramos, pelo ex-senador Evilásio Vieira. Eu era locutor quase permanente das rádios. Eu também era, assim, um porta-voz desses movimentos todos, em envolvimento com os clubes de serviço. Por exemplo, o movimento pró-sede própria, eu era do Lyons Centro. Então eu fui no meu Lyons e consegui aprovar ali o apoio. O movimento pró-sede própria teve como infra-estrutura de lançamento, de manutenção, os clubes de serviço. Lyons, o Rotary, os Soroptmistas. Este último, as mulheres saíam comigo para vender rifa à noite por aí. Era um

negócio fantástico! A meninada do ensino secundário, moças, rapazes do colégio. Todo mundo envolvido naquilo, fazendo plantão nos postinhos para vender rifa. Foi um negócio fantástico! O movimento pró-sede própria, foi um instrumento de galvanização que eu duvido que nós pudéssemos ter imaginado coisa melhor que aquela rifa. Não só porque ela trouxe o dinheiro necessário, mas também porque ela teve a capacidade de galvanizar. Foram todos. Aí você não tinha nada, todas as categorias sociais, os operários acreditavam...

Eu fazia palestras nas empresas e ia por aí para comprar as rifas. Era um tesão integral: "Deixe de tomar uma cerveja por mês e reserve o futuro para o seu filho". Era um apelo terrível. Eu só lamento que no futuro não aconteceu assim. É meio mentiroso. Eles tiveram que começar a cobrar, a Universidade não teria condições.

B.S.R.: Não se sustentaria?

M.P.C.R.: Não se sustentaria. Não há como você, duplicando o número de estudantes universitário do país, por mais que ela cobre, pública não iria sustentar. Eu sou, em tese, favorável ao ensino gratuito em todos os níveis, porque é a forma que você tem de preparar a sua população para ir para frente. Mas imaginar que isto é possível aqui...

B.S.R.: A prática disso... teoricamente...?

M.P.C.R.: Teoricamente a tese é esta. Mas a FURB não oferecia o que oferece, não teria os seus hoje 12 ou 13.000 alunos...

B.S.R.: Laboratórios e toda a infra-estrutura .

M.P.C.R.: Como toda sociedade, desenvolvida, ela discrimina! Hoje os estudantes das Universidades Federais é uma discriminação social, porque vai para lá o rico, que tiveram melhores condições de se preparar, de se deslocar, de fazer os cursinhos. Havia todas essas coisas, é quem ingressa nas federais. Ele se prepara melhor, ele tem família para o sustentar. Quer dizer, é uma inversão, é uma inversão total. Porque a Universidade pública deveria ser exatamente para os alunos menos favorecidos. Mas também uma coisa que se diga, não sei se exploram convenientemente isso, eu estou afastado da administração da Universidade, eu estou sempre na área de ensino, chefe de Departamento, essas coisas todas, eu sempre faço. Eu agora estou na Reitoria atual por solicitação, eu colaboro um pouco na área administrativa. Mas eu acho que nenhum estudante que comprove a sua carência, quer tenha ingressado na Universidade e que com honestidade comprove que não pode pagar, deixe de estudar. Acho que não! Então existe, é o sistema, é da lei do Gerson, que é a lei de tirar vantagens, isso existe. Como vereador

eu consegui aprovar aquela lei para quem não puder pagar a FURB. Porque aplicar na educação, então deu aos residentes, aos moradores de Blumenau, porque a minha intenção que os municípios que servem aqui da FURB fizessem o mesmo. De criar as bolsas para seus alunos carentes. Quando eu criei a restrição da lei orgânica, das bolsas que iam ser dadas. Eu queria exatamente que esta restrição pudesse provocar exemplos idênticos nos municípios e que lá também fizesse legislações similares e que pudessem apoiar os seus estudantes de suas respectivas comunidades. Acho, não sei se ficou dados para pensar isso. A filosofia da coisa era essa.

B.S.R.: E os professores nesse período? Nós só falamos no primeiro período, até é interessante. E como eram trazidos? Porque muitos profissionais.

M.P.C.R.: E que na verdade Blumenau já era uma cidade que, por ser desenvolvida, tinha um volume de profissionais que foram se habilitando, vindo na área de Direito por exemplo, não teve nenhuma dificuldade, desembargadores, juizes, promotores, advogados por militância, hoje que, vieram times novos aí, mas antigamente essa escola era uma meca de desembargadores, seis, oito desembargadores vieram de Florianópolis lecionar na FURB. No colégio de Direito, inédito no país, a reformulação do curso de Direito. Acho que a FURB lucrou com isso. Professor Rufino foi o então diretor, depois passou o cargo para o Professor Ari, neste ponto revolucionou. E nós encontrávamos, ao contrário, nós fornecíamos professores daqui para sustentar a UNIVALI. Fui 14 anos para Alto Vale, Faculdade. Inicialmente de carro próprio, não tinha asfalto, foi um período meio agitado, lá lecionava porque era parte do movimento. Em Rio do Sul inicialmente era uma divisão universitária da FURB. Como Brusque também, aí veio o Padre Orlando, assumiu o nosso lugar, o Padre Orlando substituiu o Martinho, esse pessoal que saiu da administração. O Rivadávia ficou. Os outros saíram. Padre Orlando tinha outra filosofia, acabou liquidando. Em Rio do Sul foi gasolina.

B.S.R.: Foi uma pena.

M.P.C.R.: Foi uma pena, Oh! Itajaí podia ser nosso, tudo podia ser nosso.

B.S.R.: Seria uma grande Universidade.

M.P.C.R.: Seria uma grande Universidade do Estado, a maior Universidade do Estado, Seríamos nós.

B.S.R.: Tem uma região semelhante, uma origem semelhante, tem uma cultura muito...?

M.P.C.R.: Infelizmente, que Deus o tenha, o Padre Orlando, é responsável por esse processo de segregação dramática, mas com fé em Deus ... Não dá muita bola para ler, tem que dizer os problemas dele, o que é pecado e o que não é pecado. Se não for pecado posso fazer independente mas pela lei. Conversa deles e divina, eu lembro, tive privilégios, às vezes até me arrependo de ter sido tão cáustico com ele. Mas já foi.

B.S.R.: E professor, o pessoal de filosofia vinha todo do santo Antônio?

M.P.C.R.: Aí era mais fácil, porque era a formação dos professores dos profissionais, e Blumenau situava-se num centro educacional importante. Os italianos só lecionavam no Pedro II. Rio dos Cedros trabalhava, Ascurra educava e Blumenau empregava! O ciclo de Rio dos Cedros é esse. Você nascia em Rio dos Cedros, se alfabetizava em Ascurra e Blumenau dava o emprego. É uma brincadeira! Mas aí foi bem mais fácil. Ficou bem mais fácil.

V.F.C.: Professor, mas existia efetivamente uma Faculdade de filosofia?

M.P.C.R.: Sim, integrante da FURB.

V.F.C.: E por que essa faculdade foi extinta?

M.P.C.R.: Não foi extinta! Nós transformamos todo o movimento nos centros, na Universidade moderna. Que em 68, não sei se vocês estão lembrados, a Lei 5540, a lei da Reforma Universitária Brasileira, ela criou um modelo de universidade. Essa foi outra briga homérica que eu tive! Porque em 68 o Padre Orlando, o Rufino, esse pessoal aí que era da administração e eu ainda era vice-reitor, mas a grande briga foi exatamente essa: que nós conseguimos montar um modelo de centros, isso que ela é hoje, nós montamos lá em 1968. E em 69 nós pedimos a Universidade. E o pessoal estava preocupado com o reconhecimento de curso, eu estava preocupado em implantar a universidade. Um modelo novo, nós fomos o 2º projeto do Brasil. O primeiro foi em Londrina, o 2º foi em Blumenau a apresentar dentro do modelo novo preconizado: a universidade por centros. Levei debaixo do braço o projeto todo, os volumes todos, e entrei no Conselho Federal de Educação. Fui de automóvel! Ainda foi no meio daquele AI-5, um tal de barranco e estrada. Queriam examinar meus documentos para saber se não eram panfletos subversivos.

B.S.R.: E não deixava de ser uma certa subversão. (RISOS)

M.P.C.R.: Levei os documentos, entreguei em mãos. E aí nosso pessoal daqui desistiu desses projetos e continuou com as faculdades e tentando o reconhecimento de cada curso. Eu disse: "Olha, nós vamos levar no mínimo 15 anos para ter a Universidade, e podemos ter agora". E

teria! Porque a de Londrina teve, nos mesmos moldes que a nossa. E a nossa só foi sair universidade em 85.

B.S.R.: Faltou boa vontade!

M.P.C.R.: Não, não foi, não era má vontade deles, só que eu é que tinha razão e eles não!

B.S.R.: E eles não tinham vontade nem de se dedicar, que todos queriam a mesma coisa!

M.P.C.R.: Eu fui voto vencido graças, fundamentalmente, ao Padre Orlando e ao Rufino. Foram os dois que lideravam, e o Rivadávia depois já ia na mesma turma. Eles tinham aquele grupo que comandava a Universidade.

B.S.R.: Eles que iniciaram ...

M.P.C.R.: O Martinho falou que a prioridade foi dada ao reconhecimento dos cursos, porque quando você termina um curso superior, qualquer curso superior, realmente há uma pressão para que você leve o teu diploma. Então, nós deixamos de ter Universidade naquela época, e se tivesse tido um todo, quer dizer, se você olhar a Universidade até 1985 e depois olhar que ela virou universidade, a multiplicação, a ampliação de tamanho. Porque aí nós próprios passamos a gerir nossa própria expansão, não mais dependente dos outros, não mais como as políticas derrotistas, do caos, da defesa da ... como é que é?

B.S.R.: Fracassomania!

M.P.C.R.: Fracassomania! Sempre chega aquele cara: "Não, isso aí não vai ser reconhecido! Então não faz. Não, isso aí os cara não vão autorizar!" Quer dizer, aquela ... fracassomania existia. Com a Universidade não, você libera aquilo que o Conselho delibera. Porque é tão livre isso, você acaba cometendo algumas bobagens. Eu tenho comigo, eu sempre tive, agora que eu estou velho isso se cristalizou. Que uma Universidade como a nossa, de caráter regional nunca será uma grande universidade geral. Então ela tem que perseguir dois objetivos: atender a demanda geo-educacional, um; e dois, ser muito boa em poucas coisas!

B.S.R.: É difícil ser bom em todas as coisas!

M.P.C.R.: Se há um pecadinho na FURB que tem que ser corrigido, é esse. Quer dizer, você efetivamente ser uma universidade de referência em alguns segmentos.

B.S.R.: Então ser um centro de excelência naquilo que é vocação da região. Pelo menos isso?

M.P.C.R.: Na área econômica, talvez na tecnológica, nas áreas que devem hipertrofiar a preparação dos professores. Oh, minha gente, vou ter que ir lá no Badenfurt às 11:00 horas.

B.S.R.: Tá bom professor! Marcamos de novo ...

M.P.C.R.: Por hoje?

B.S.R.: Pode ser!

M.P.C.R.: Falei demais?

B.S.R.: Não, muito pouco! A gente quer saber tudo!

TERMO DE DOAÇÃO

Pelo presente documento, eu MILTON POMPEU DA COSTA RIBEIRO, cedo ao CMU - Centro de Memória Universitária, da Universidade Regional de Blumenau, todos os direitos de uso e divulgação que me corresponderem em fita magnética e transcrição literal, em documentos anexos e por mim rubricados, concedida aos integrantes do "Projeto Universidade Regional de Blumenau e sua História", Professor Balbino Simor Rocha, Clarice Ehmke, Richard Huewes e Viegas Fernandes da Costa, em data de dezoito de fevereiro de um mil novecentos e noventa e oito, 18/02/98, na cidade de Blumenau, composto de fita cassete e transcrição literal.

Declaro também que, pela natureza do trabalho apresentado, o conteúdo das gravações pode ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data.

Blumenau, 07 de abril de 2004.



Luciana Donini da Costa Ribeiro Vargas
P/ Milton Pompeu da Costa Ribeiro (in memoriam)
Entrevistado e doador



Testemunha